

A DIGNIDADE HUMANA E A VIA DA EMPATIA. REFLEXÕES A PARTIR DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN



<https://doi.org/10.22533/at.ed.4211424251115>

Data de aceite: 11/12/2024

Clélia Peretti

Doutora em Teologia pela EST/RS. Pós-doutorado em Fenomenologia pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontifícia Universidade Lateranense – Roma. Professora do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO: O pensamento de Edith Stein aprofunda-se na exploração da dignidade da pessoa humana, enfatizando a empatia como uma chave essencial para compreender nossa humanidade. Stein incorpora contribuições de filósofos antigos e contemporâneos, buscando uma visão integral do ser humano. Essa visão abrange a dignidade inerente desde o nascimento, fundamentada no pertencimento a Deus e que transcende dons naturais ou papéis sociais. A abordagem de Edith Stein ganha relevância especial em uma sociedade multicultural, onde o respeito à dignidade humana deve ser absoluto. O objetivo é estabelecer um diálogo interdisciplinar sobre os fundamentos da dignidade humana, partindo dos escritos de Edith Stein. A

pergunta central é: como podemos viver e praticar noções concretas de ‘*humanitas*’ e ‘*comunitas*’? Diante da indiferença, dos relativismos culturais e da falta de reconhecimento do outro, nos questionamos sobre a dignidade e identidade do ser humano. Edith Stein enfatiza que a empatia envolve o contato com o mistério do outro e exige respeito e acolhida na relação intersubjetiva, conectando-nos ao universo interior de cada pessoa e, simultaneamente, reconhecendo nossa própria humanidade por meio da alteridade. A filosofia fenomenológica de Stein oferece instrumentos para refletir sobre a dignidade humana, considerando a identidade pessoal e as relações intersubjetivas. Assim, a dignidade humana não depende apenas de dons naturais ou papéis sociais, mas é uma característica fundamental compartilhada por todos nós.

PALAVRAS-CHAVE: Empatia; dignidade; multiculturalismo; responsabilidade; ética.

INTRODUÇÃO

Durante meu percurso acadêmico interdisciplinar, explorei o estudo da dignidade da pessoa humana no pensamento de Edith Stein.¹ A figura e as ideias da filósofa e mística serviram como fundamentos essenciais para aprofundar questões como empatia, gênero, culturas, experiência religiosa, espiritualidade, ética e responsabilidade social. Minha experiência na academia, no ensino e na pesquisa tem me motivado a buscar respostas para a pergunta fundamental: *o que e quem é o ser humano?* Além disso, tenho investigado o tema da alteridade, que desempenha um papel central nos debates interculturais.

Nosso objetivo é estabelecer um diálogo interdisciplinar sobre os fundamentos da dignidade humana e seus aspectos significativos na relação entre o eu e o outro/Outro. Na sociedade contemporânea, marcada pela pluralidade e multiculturalismo, o outro frequentemente é reduzido a objeto, invasor ou até mesmo inimigo. Diante da indiferença, dos relativismos culturais e da falta de reconhecimento do outro, surge a pergunta filosófica essencial: qual é a verdadeira dignidade e identidade desse ser humano?

Nesse contexto, nos questionamos: como podemos viver e praticar noções concretas de “*humanitas*” e “*comunitas*”? Qual é o papel da filosofia? Sem dúvida, a filosofia tem a tarefa de conectar o ser humano à verdade, contribuindo para resgatar valores e vitalidade das culturas. Ela nos permite permanecer abertos à acolhida do novo. Como afirmou João Paulo II em sua Carta Encíclica *Fides et ratio*, [...] A filosofia é como um espelho no qual se reflete a cultura dos povos” (João Paulo II, 71,103).

Consideramos que a literatura de Edith Stein, especialmente obras como *Il Problema dell’empatia* (1985), *Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica* (1996) e *Una Ricerca sullo Stato* (1999), *Ser Finito e Ser Eterno* (2019), serve como base teórica para aprofundarmos a temática em questão. A filosofia de Edith Stein nos ensina que a humanidade não é anônima; somos portadores de um nome universal: o espírito. É sobre essa base que se fundamentam as raízes da ideia de comunidade. A cultura, como produto de uma comunidade espiritual, não é apenas um ornamento da existência humana; ela é uma qualidade distintiva. Este capítulo, fundamenta-se na literatura de Edith Stein. A originalidade de sua abordagem não se limita apenas à antropologia filosófica de Edith Stein, pois já encontramos traços semelhantes nas obras de Edmund Husserl e Max Scheler, especialmente no que diz respeito à metodologia. No entanto, o diferencial de Edith Stein também está relacionado à filosofia cristã e à mística carmelita, como evidenciam os estudos realizados sobre sua obra. A partir da filosofia fenomenológica, Edith Stein nos oferece instrumentos metodológicos e uma base teórica para refletirmos sobre a dignidade da pessoa humana. Nesse contexto, a fenomenologia, aliada à análise da identidade pessoal (que não está separada da alteridade pessoal), da intersubjetividade e da subjetividade do “nós”, nos proporciona uma via de acesso ao outro/Outro.

1. Nasceu em Breslávia, na Polônia em 1891, e faleceu no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, também Polônia, em 1942. Não obstante seu nascimento na Polônia é considerada filósofa e teóloga alemã. De origem judia, converteu-se posteriormente ao catolicismo, tornando-se carmelita descalça. Primeira mulher a defender uma tese de Filosofia na Alemanha, sendo discípula e, depois, assistente de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Em 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo papa João Paulo II, como Santa Teresita Benedita da Cruz. (Stein, 2018).

A EMPATIA COMO VIA PARA A COMPREENSÃO HUMANA

Edith Stein, atribui à empatia um papel fundamental na compreensão da experiência alheia. A empatia é realmente como uma via que nos permite adentrar o universo interior do outro, compreendendo suas experiências e perspectivas. Ela nos conecta, humaniza e nos leva a reconhecer nossa própria humanidade por meio da alteridade. Para Edith Stein, a empatia é uma vivência singular que permeia outros atos que analisamos no cotidiano, como a alegria e a dor. Ao explorar o tema em sua obra *Il Problema dell'empatia* (1985), ela busca evidenciar o significado de tomar conhecimento da experiência do outro, mas, também descrever as condições constitutivas da pessoa humana. A empatia envolve o contato com o mistério do outro e exige respeito e acolhida na relação intersubjetiva. Ao praticarmos a empatia, não nos “misturamos” completamente com o outro, mas sim nos colocamos em seu lugar, compreendendo sua perspectiva sem perder nossa própria identidade.

A vivência empática é solidária, nos conecta a outras pessoas por meio da percepção tanto externa quanto interna. Quando nos colocamos no lugar do outro, reconhecemos sua alteridade, entendendo que ele nos revela algo sobre nós mesmos. Desse modo, a comunicação desempenha um papel fundamental na relação empática. É por meio dela que participamos da experiência do outro de forma saudável. Contudo, a empatia não é apenas um ato de compreensão; é também um processo educacional gradual que fortalece os laços interpessoais. Ela nos toca profundamente, permitindo-nos compartilhar o universo experiencial do outro e reconhecer nossa própria humanidade. Por meio da empatia, podemos verdadeiramente conhecer a pessoa do outro e enriquecer nossa própria jornada. A empatia valida nossas experiências mútuas e nos permite manifestar aspectos ocultos que habitam em cada um de nós.

Portanto, reconhecer a alteridade é fundamental: é o outro que nos revela quem somos, validando nossa própria experiência. A empatia nos conecta, humaniza e nos permite transcender as barreiras individuais e nos ajuda a reconhecer nossa dignidade universal como seres espirituais.

A investigação minuciosa de Edith Stein sobre a pessoa humana possui grande relevância na valorização e compreensão das vivências alheias, contribuindo para a formação de nossa própria identidade. Através desse olhar atento, a empatia emerge como um instrumento poderoso, aproximando-nos da complexidade humana e reconhecendo nossa singularidade.

Antigamente, a esfera espiritual do homem frequentemente era reduzida a uma visão simplista, como se fôssemos meras “coisas”. No entanto, Stein nos convida a transcender essa perspectiva limitada. Ela nos mostra que, ao praticarmos a empatia, nos conectamos com os outros de forma profunda. Essa conexão não apenas valida nossas próprias experiências, mas também nos permite compartilhar vivências com aqueles que encontramos em nosso caminho. Assim, podemos analisar o ser humano não apenas como indivíduos isolados, mas como parte de uma teia interconectada. Essa visão nos conduz a uma possível convivência ética, baseada em princípios universais que unem os sujeitos. Cada “eu” se entrelaça com o outro através de relações empáticas, enriquecendo nossa jornada comum.

Empatia, Dignidade e Multiculturalismo

Para a filósofa Edith Stein, a compreensão empática não se limita a uma estratégia de pensamento e ação; ela é fundamental fazer emergir questões vitais na cultura contemporânea. A consciência da dignidade humana, seu significado e fundamento é central nesse processo. O tema da alteridade ocupa um lugar central no debate intercultural, reforçando a necessidade de reconhecermos nossa responsabilidade conjunta pela construção de uma comunidade e uma humanidade comuns.

De acordo com D'Agostino (2002), o grande erro do relativismo reside em considerar que as culturas sejam autossuficientes, como universos fechados de experiências que não se relacionam com outras além de si mesmas. No entanto, o autor argumenta que as culturas não são meramente entidades isoladas; elas são meios, sistemas pelos quais os seres humanos, muitas vezes, de maneira desesperada, busca para compreender uma realidade que transcende o âmbito cultural. Essa realidade não pode ser definida apenas como cultural, mas sim como antropológica ou até mesmo metafísica. Além disso, essa busca pela compreensão da realidade só pode ocorrer por meio da mediação cultural.

O multiculturalismo contemporâneo nos apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à necessidade de uma identidade humana, política e cultural. Essa indagação por identidade está intrinsecamente ligada à busca universal por liberdade e dignidade. Em última instância, esses desafios nos conduzem inevitavelmente à reflexão ética sobre como lidar com a diversidade cultural e as diferentes perspectivas que ela oferece.

A perspectiva de D'Agostino (2002) nos convida a considerar a complexidade das interações culturais e a importância de abordar questões éticas com sensibilidade e respeito diante da diversidade humana. O diálogo entre culturas e a busca por uma ética que transcenda fronteiras culturais são temas emergentes para a nossa sociedade pluralista e globalizada.

A Busca pela Verdade e a Dignidade Humana

Edith Stein, nos inspira com sua busca pela verdade sobre a pessoa humana para refletir sobre o nosso processo interior. Ela habilmente sintetizou elementos da filosofia contemporânea, especialmente a fenomenologia, com a tradição filosófica antiga e medieval. Em sua obra *“La struttura della persona humana,”* afirma: “Para o ser humano, é crucial saber quem ele é e o que deve fazer [...] pois nada é mais urgente do que conhecer aquilo que a verdade revelada afirma sobre nossa própria essência” (Stein, 2013, p. 220).

Nesse contexto, encontramo-nos diante de um dos problemas fundamentais da cultura contemporânea: o embate entre teologia e pensamento moderno. Edith Stein argumenta que, mesmo do ponto de vista filosófico e científico, não podemos compreender plenamente o ser humano sem considerar sua tendência à autotranscendência. Essa busca pelo que as religiões chamam de Deus é essencial para reconhecermos a dignidade humana. Apenas em referência a essa dimensão transcendental é que a dignidade se torna inviolável, inalienável e imperdível.

Desse modo, Edith Stein nos convida a explorar a complexidade da existência humana, reconhecendo que nossa busca por sentido e transcendência é parte intrínseca de nossa dignidade. A relação entre filosofia, teologia e a busca pela verdade sobre o ser humano continua a nos desafiar e enriquecer nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Essa concepção também está presente na obra de Stein quando discute a passagem do ser finito ao ser infinito, ou seja, do ser humano ao Ser Divino.

Chamamos Deus este ente primeiro e infinito, porque os seus atributos correspondem a nossa ideia de Deus. Devemos, portanto, considerar uma evidência ontológica o fato de que o ser do homem, como tudo aquilo que é finito, reenvia a Deus, e que sem essa relação com o ser divino // não seria inteligível: tanto o fato que esse é (a sua existência) quanto o fato que esse é o que que é". [Tradução Livre] (Stein, 2013, p. 219).

A transição da consideração filosófica para a teológica do homem é fundamental. A mesma reflexão vale para a ideia de humanidade, considerada não apenas como sujeito unitário, mas como comunidade, povo e história.

Assim, no panorama cultural contemporâneo, a figura de Edith Stein se apresenta como um estímulo do diálogo não só com diversas áreas do saber, mas, também com culturas e religiões diferentes. Em uma sociedade multiétnica, multicultural e multirreligiosa, onde as tensões entre o eu, o tu e o nós são cada vez mais evidentes, a filosofia de Edith Stein "com seu discurso crítico, radical e construtivo" (Ales Bello, 2015, p. 11), contribui para responder não apenas à pergunta antropológica "o que é o homem?", mas também à pergunta essencial e relacional: "quem é o outro?". Essa pergunta radicalmente diferente requer a presença do "tu" como interlocutor.

Edith Stein, já em 1917, em sua dissertação sobre a empatia, reitera que a empatia não é apenas um ato intencional, mas também formativo e performativo. Ela nos conduz a uma profunda análise antropológica, tornando a investigação sobre a intersubjetividade um caminho para conhecer a essência do ser humano.

Empatia, Dignidade e Responsabilidade

A empatia, com sua antropologia profunda (Manganaro, 2014, p. 101), oferece elementos essenciais para uma filosofia do cuidado. Ela nos educa sobre o valor intrínseco da pessoa humana e molda nossa própria humanidade. Edith Stein sustenta que "o ser humano é o si mesmo que eu devo formar". Isso significa que nossas ações devem ser orientadas por um *lógos*, uma ideia do que significa ser humano, e por uma prática do *humanum*.

Em Edith Stein, encontramos a via para a descrição fenomenológico-essencial da vivência empática. Essa vivência nos permite sentir dentro de nós o mundo, a natureza, as coisas do mundo, os seres vivos, os objetos culturais, nós mesmos e os outros. A empatia não se limita ao reconhecimento do diferente; ela nos conecta à comum humanidade. Como já dissemos, essa humanidade não é anônima; somos portadores de um nome universal: o espírito. Sobre essa base, fundamentam-se as raízes da ideia de *communitas* (Manganaro, 2014, p. 108) e da responsabilidade diante da inteira humanidade.

A dignidade humana é inerente desde o nascimento, como reforçado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). No entanto, essa dignidade requer uma garantia absoluta. Essa garantia encontra seu fundamento no pertencimento a Deus, na criação à sua imagem. O amor de Deus confere dignidade a todos, independentemente de sua adesão a Ele. Mesmo aqueles que rejeitam expressamente Deus não perdem sua dignidade; essa exige que respeitemos suas escolhas e autocompreensão, assim como Deus o faz.

Edith Stein nos ensina que a dignidade humana não depende apenas de dons naturais, papéis sociais ou responsabilidades políticas. Ela é uma característica fundamental, e sua base vai além dos méritos humanos. A filosofia de Stein nos leva a refletir não apenas sobre o que é o homem, mas também sobre quem é o outro. Essa abordagem é fundamental em uma sociedade multicultural, onde o respeito à dignidade humana deve ser absoluto. (Stein, 2013, p. 221).

EDITH STEIN: SUPERANDO O INDIFERENTISMO EM RELAÇÃO AO OUTRO COMO PESSOA

Edith Stein, fiel discípula de Husserl, não apenas utilizou os instrumentos fenomenológicos de seu mestre, mas também acrescentou um conteúdo próprio ao sistema filosófico fenomenológico. Esse conteúdo não foi apenas fruto de reflexões filosóficas, mas também de suas experiências existenciais e religiosas. Assim, ela buscou efetivar uma síntese filosófico-teológica do ser humano, desenvolvendo o que podemos chamar de personalismo fenomenológico.

Em suas obras, encontramos pontos de convergência entre uma antropologia filosófico-teológica e filósofos de diferentes épocas, como Agostinho, Anselmo, Tomás e Duns Scoto. Essas contribuições são essenciais para uma compreensão ontológica mais profunda do ser humano. Edith Stein faz convergir as contribuições dos filósofos do passado e do presente, aceitando-as na medida necessária para aprofundar fenômenos inerentes à pessoa humana que ainda não haviam sido completamente desvelados.

A superação da dicotomia entre “humano” e “pessoa” é central em seu pensamento. Essa superação permite uma compreensão mais integral da pessoa humana. É fato que uma sociedade multicultural, constitui um desafio para a democracia e para as religiões, pelas suas normas e por seus valores tradicionais, mas não é evidente o modo como as esferas - política e religiosa - , devem se posicionar para fazer frente às novas demandas sem perder sua identidade. A principal razão dessa incerteza consiste no fato de que não há apenas um único paradigma de sociedade multicultural, mas a própria sociedade multicultural é a expressão de uma exigência indeterminada e imprecisa no contexto da sociedade contemporânea ocidental que possui um sistema definido e estável.

A multiculturalidade inevitavelmente acompanha o fenômeno da globalização e veicula não somente bens e serviços, mas estilos de vida e de pensamento. Assim, na sociedade multiétnica, multicultural e multireligiosa se impõe a tarefa de promover uma universalidade concreta dos seres humanos que valorize, por um lado o que nos acomuna e, por outro o que nos torna diferentes.

Edith Stein e a Interação entre Conhecimento, Valores e Ação

Edith Stein, em sua obra *Ser Finito e Ser Eterno* (2019), destaca que nosso conhecimento é o alicerce sobre o qual nos apoiamos para descrever o ente e o agir no mundo. Essa afirmação impulsiona o estudo da estrutura da pessoa humana. Para Stein, fazer parte da existência humana é conhecer as coisas: apreendê-las no significado que possuem para nós e em sua reciprocidade.

Esse significado se torna sensível dentro de nós à medida que compreendemos os valores. Esses valores provocam posições internas da mente e da vontade, estimulando-nos à participação ativa, à ação. Em nós, conhecer, sentir, querer e agir não são completamente separados; eles se condicionam mutuamente, embora não haja uma unidade indissolúvel.

A interligação entre conhecimento, valores e ação é fundamental para compreender nossa existência. Somos seres complexos, não apenas dotados de racionalidade, mas também de emoções e impulsos que nos levam à ação. Quando consideramos essa tríade — pensamento, sentimento e ação —, percebemos que não podemos separá-los de forma estanque. Nossa compreensão do mundo e nossas escolhas são intrinsecamente relacionadas a esses aspectos.

Edith Stein, em seus escritos, mergulha nessa reflexão sobre o ser humano. Sua obra inicial sobre a empatia já apontava para a importância de compreender o outro, de se colocar no lugar do outro para verdadeiramente entendê-lo. Essa via da interioridade, que nos leva a olhar para dentro de nós mesmos e para a subjetividade alheia, é essencial para a compreensão da dignidade humana. Além disso, Stein também explora a direção que nos conecta à intersubjetividade e ao mundo circunstante. Somos seres que existem em relação com os outros e com o ambiente que nos cerca. Nossas ações não ocorrem em um vácuo; elas têm impacto nas pessoas ao nosso redor e no contexto em que vivemos.

Assim, aprofundar-se na obra de Edith Stein significa refletir sobre como podemos integrar as diferentes dimensões — interioridade, intersubjetividade e ação — para uma compreensão mais completa do ser humano. Afinal, somos muito mais do que meros observadores; somos participantes ativos na construção do nosso próprio significado e na busca por uma existência plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Edith Stein expressa o conceito de dignidade de forma concisa: a dignidade é o direito ao respeito. Ela fundamenta esse conceito na empatia, reconhecendo que a dignidade da pessoa humana é preservada quando o indivíduo emprega sua força interior. A capacidade de acolher essa força interior é essencial. O respeito à dignidade se manifesta quando um indivíduo expressamente declara sua vontade em relação ao tratamento de sua doença. Essa autonomia é um aspecto fundamental da dignidade humana.

Edith Stein nos ensina que ser pessoa significa ser um ser livre e espiritual. A liberdade, em seu sentido originário, é a capacidade de dizer: “eu posso”. (Stein, 2013, p. 109) Desse poder (*können*, liberdade) surge o dever (*Sollen*). (Stein, 2013, p. 110). O ser humano “pode e deve ‘formar’ a si mesmo”. Em outras palavras, o eu livre é capaz de ser responsável por si mesmo, decidindo o que fazer ou deixar de fazer. Essa responsabilidade interna é um chamado profundo, uma voz no âmago do ser, que nos guia na formação de nossa própria identidade. (Stein, 2013, p. 108).

Edith Stein nos convida a refletir sobre a personalidade e o eu pessoal. Para ela, a personalidade se realiza como um “eu” consciente e aberto. Essa espiritualidade pessoal significa estar vigilante e consciente. Não somos apenas seres vivos; também somos conscientes de nosso próprio ser e existir. Tudo isso acontece em um único momento, em um ato de plena presença.

Edith Stein nos convida a refletir sobre a dignidade humana através do olhar.

Quando olhamos nos olhos de um animal, algo nos atrai para observá-lo, mas sua alma permanece muda e prisioneira, incapaz de se compreender ou de nos alcançar. No entanto, quando olhamos nos olhos de um ser humano, seu olhar nos responde. Ele é o dono de sua alma, capaz de fechar ou abrir as portas. Pode sair de si mesmo e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um “eu” está diante do outro “eu”. Esse encontro pode ocorrer na fronteira ou na interioridade. Quando é um encontro na interioridade, o outro “eu” se torna um “tu”. O olhar do ser humano fala. (Stein, 2013, p.108-109).

A busca pelo sentido do ser humano nos leva a uma reflexão cada vez mais ampla e profunda sobre a pessoa. Essa reflexão considera a pessoa como uma identidade dinâmica e relacional, pois ela é encarnada, vocacionada, livre, inserida na sociedade e transcendente. Desse modo, podemos pensar na dignidade como algo que habita em cada indivíduo, uma qualidade essencial que transcende circunstâncias externas. Ela não é uma mera declaração de valor que atribuímos arbitrariamente; ao contrário, é um valor inerente que cada pessoa carrega consigo. Quando nos deparamos com alguém, somos chamados a reconhecer essa dignidade, independentemente de quem seja ou de quaisquer diferenças que possam existir. Portanto, a dignidade humana não é negociável nem condicional. Ela é um atributo fundamental que todos compartilhamos, e seu reconhecimento é essencial para construir uma sociedade mais justa e compassiva.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, A.; ZIPPEL, N. **Ripensando l'umano**. In diálogo com Edith Stein. Castelvecchi: Roma, 2015.
- D'Agostino, Francesco. Multiculturalismo. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et ratio*. Sumo pontífice João Paulo II **aos bispos da igreja católica sobre as relações entre fé e razão**. Roma: Vaticano, 1998. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso em: 10 agosto 2024.
- MANGANARO, P. **Empatia**. Edizioni Messaggero: Padova, 2014.
- Peretti, Clelia. *Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica*. 304 f. Tese [Doutorado em Teologia]. Escola Superior de Teologia — EST, São Leopoldo, 2009.
- Stein, E. **Il problema dell'empatia**. Trad. E. Costantini e E. S. Costantini. Roma: Studium, 1985.
- STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito. Contributi per una fondazione filosofica**. Roma: Città Nuova, 1996. Titolo originale: *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften, in zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften - Eine Untersuchung über den Staat*. Max Niemeyer Verlag, Tübingen 1970. Traduzione dal Tedesco di Anna Maria Pezzella.
- STEIN, Edith. **Introduzione alla Filosofia**. Traduzione dal tedesco di Anna Nmaraia Pezzella. Città Nuova Editrice, Roma, 1988.
- Stein, Edith *Una ricerca sullo Stato*. 2. ed. Trad. Ângela Ales Bello. Roma: Città Nuova, 1999.
- STEIN, Edith. **La Struttura della persona umana**. Corso di antropologia filosofica. Traduzione del tedesco: Michele D'Ambra. Città Nuova Editrice, 2013.
- Stein, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Trad. Maria do Carmo Ventura Wollny e Renato Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.
- Stein, E. **Ser finito e ser eterno**. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.